

COLÉGIO PEDRO II – 12 ANOS DE ESCOLARIDADE
INVESTIGANDO OS ALUNOS QUE VENCEM ESTE PERCURSO

Maria Cristina da Silva Galvão

Doutoranda em Educação - Pontifícia Universidade Católica/RJ;

Professora do Colégio Pedro II.

E-mail: mariacristina22@gmail.com

RESUMO

A universalização da conclusão do ensino fundamental é uma etapa ainda a ser vencida em nosso sistema público de ensino.

Este texto apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado concluída em 2002, que enfocou os percursos escolares na maior escola pública do Brasil, no atendimento ao ensino fundamental e médio.

Apoiando-se nas formulações sociológicas de Pierre Bourdieu sobre a herança familiar e sucesso escolar a partir do conceito de capital cultural, essa etapa da investigação pretendeu detectar empiricamente a seletividade social no Colégio Pedro II.

Palavras-chave: Capital Cultural; Escola Pública; Trajetória Escolar.

ABSTRACT

The conclusion of the Junior High level by all school age children is a stage still to be accomplished in our public school system.

This text presents a fragment of a research done in 2002, during my Masters. My studied focused on the educational trajectories undertaken by the biggest public school in Brazil regarding Elementary, Junior and Senior High levels.

Supported by Pierre Bourdieu's sociological formulations on the relation between family inheritance and success in school and taking into account his concept of cultural capital, this stage of investigation intends to empirically detect social selectivity in Colégio Pedro II.

Key-words: Cultural Capital; Public School; School Trajectory.

COLÉGIO PEDRO II – 12 ANOS DE ESCOLARIDADE
INVESTIGANDO OS ALUNOS QUE VENCEM ESTE PERCURSO

Maria Cristina da Silva Galvão

1. Introdução

Neste trabalho exporei uma das etapas da pesquisa que desenvolvi ao longo dos anos de 2000, 2001 e 2002 no curso de mestrado em educação, quando avalei se a democratização no acesso ao Colégio Pedro II,¹ por meio de sorteio de vagas para a classe de alfabetização, vinha sendo ratificada com a permanência dos alunos sorteados cumprindo o percurso escolar oferecido pela escola.

Quando refletimos sobre o sistema educacional brasileiro, nos deparamos com uma série de questões que precisam ser entendidas e superadas. Embora o desafio da escolarização de crianças, adolescentes e jovens pareça estar sendo vencido, a média de anos de estudo dos jovens de 14 anos é de 5,8 anos, quando o correto seriam 7 anos. Além disso, 87,2% dos 2,4 milhões de analfabetos, na faixa de 7 a 14 anos, frequentavam a escola no ano passado.²

Constatando-se, portanto, que o sistema público de ensino não facilita o fluxo escolar, ou seja, a permanência dos alunos nas escolas, e que a qualidade do ensino continua sendo o ponto mais frágil da política educacional, esta pesquisa investigou em que medida o Colégio Pedro II, sendo considerado uma escola de excelência, alinha-se ou não às tendências de exclusão escolar que se caracterizam em nosso país pela reprovação e abandono.

Completando 171 anos de existência em 2008 e com 12.176 alunos (em 2007), o Colégio aplica desde seus primórdios o expediente da jubilação. Por esse processo, os estudantes que repetem duas vezes a mesma série são expulsos, isto é, jubilados da escola. A partir de 2005 passaram a ser jubilados somente os estudantes matriculados da 3ª série do ensino fundamental em diante. Antes dessa data, eram jubilados do Colégio alunos que estivessem na classe inicial (antiga classe de alfabetização, atual 1º ano) ou no 3º ano do ensino médio.

¹ O Colégio Pedro II foi fundado em 2 de dezembro de 1837 (data escolhida por assinalar a passagem do aniversário natalício do segundo imperador do Brasil) e na maior parte de sua existência atendeu as séries correspondentes ao antigo ginásio e atual ensino médio.

² Síntese de Indicadores Sociais do IBGE, divulgada em 24/09/2008.

Para ingressar no 1º ano do ensino fundamental os alunos participam de um sorteio;³ no 6º ano e no 1º ano do ensino médio, o ingresso se dá por concurso. Essa forma de acesso facultada à clientela das classes iniciais do ensino fundamental uma caracterização socioeconômica cultural bem diversificada, sendo atendidos desde filhos de desempregados e pescadores a filhos de médicos e militares. As provas de acesso a 6ª série e ao 1º ano do ensino médio são consideradas bem difíceis e a maior parte dos alunos frequenta cursinhos preparatórios para aumentar sua chance de ingressar no colégio. Esse processo seletivo privilegia aqueles que têm um maior poder aquisitivo e/ou que tiveram acesso às escolas com um ensino de boa qualidade e que, por suas condições de vida, têm como perspectiva a continuidade dos estudos. Dessa forma, os alunos concursados⁴ da 6ª série e do 1º ano do ensino médio apresentam um perfil social e cultural diferente dos alunos que ingressam no colégio pelo sorteio.

Podemos assim nos perguntar se esse centenário colégio, que sempre teve a maior parte de sua clientela advinda dos segmentos mais favorecidos na sociedade, passou a viver de fato uma democratização na composição de seu alunado, visto ter adotado, a partir de 1984, a admissão de alunos somente para as classes iniciais pelo sorteio de vagas. Ou seja, a democratização no Colégio Pedro II tem sido ratificada com a permanência dos alunos sorteados cumprindo todo percurso escolar (da antiga classe de alfabetização ao 3º ano do ensino médio) nessa instituição?

Essa questão central desdobrou-se em questões específicas e foi investigada por etapas, por meio de um estudo de caso que destacou aspectos que envolveram os processos internos de seleção escolar no Colégio e sua articulação com a origem social dos estudantes.

Para avaliar a experiência de democratização do acesso ao Colégio por sorteio de vagas para as classes iniciais, foi feita uma investigação sobre o perfil socioeconômico e cultural de dois grupos de alunos que, em 2002, estavam: (a) ingressando na classe inicial ou (b) cursando o 3º ano do ensino médio e vencendo um percurso escolar de 12 anos. Busquei, assim, perceber a relação entre a progressão nas séries e as possíveis desigualdades sociais entre os dois grupos

³ O ensino até a 4ª série (atual 5º ano) foi iniciado há 24 anos. Em 1983, pelo edital, tomou-se conhecimento do concurso público para contratar professores para atuar nas primeiras séries do antigo 1º grau. Em 1984, foi criada em São Cristóvão, a primeira Unidade Escolar I, que atenderia da classe de alfabetização a 4ª série. Desde então, o ingresso para a classe de alfabetização (atual 1º ano) se dá por meio de sorteio. Essa experiência foi ampliada para as demais Unidades Escolares: Humaitá (1985), Engenho Novo (1986) e Tijuca (1987).

⁴ A partir de 2005, cinquenta por cento (50%) das vagas oferecidas para o 6º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, passaram a ser preenchidas por candidatos oriundos das escolas que integram a Rede Pública de Ensino Fundamental, mantida pelos Governos Municipais e Estaduais.

que representam os extremos do fluxo escolar do complexo escolar São Cristóvão do Colégio Pedro II.⁵

A relevância deste estudo apoiou-se na reconhecida necessidade de investigar mecanismos institucionais que, presentes na dinâmica das escolas públicas, estejam propiciando a seletividade social, isto é, privilegiando um determinado tipo de segmento social em detrimento de outro.

2. Referencial teórico e procedimentos de pesquisa

Tentando identificar o papel das variáveis socioeconômicas e culturais no desempenho escolar dos estudantes, utilizei as formulações sociológicas de Pierre Bourdieu sobre os processos escolares na diferenciação social, mais precisamente, as reflexões sobre herança familiar e sucesso escolar a partir do conceito de capital cultural.

Os estudos de Bourdieu lançaram definitivamente o foco para os condicionamentos sociais na análise do fracasso escolar; a partir da divulgação de suas pesquisas, as tentativas de compreensão dos resultados escolares não puderam mais prescindir, em maior ou menor grau, do exame da origem social dos estudantes (local de moradia, classe social, sexo etc.) e do acesso aos bens culturais que distinguem, hierarquizam e estratificam grupos sociais.

A noção de capital cultural é o suporte para o entendimento da associação entre desempenho educacional e origem social dos alunos, da dinâmica, enfim, que exclui ou limita a escolaridade das crianças que pertencem a determinados grupos sociais. Capital cultural sugere a posse de conhecimento e informações específicas, ligados à cultura considerada legítima. O sucesso na escola dependeria desse capital (que é função da classe ou grupo social a que pertence o aluno), já que o sistema de ensino tem papel fundamental na valorização da cultura dominante.

“ (...) um sistema de ensino como este só pode funcionar perfeitamente enquanto se limite a recrutar e a selecionar os educandos capazes de satisfazerem às exigências que lhe impõem, objetivamente, ou seja, enquanto se dirija a indivíduos dotados de capital cultural (e da aptidão para fazer frutificar esse capital) que ele pressupõe e consagra, sem exigí-lo explicitamente e sem transmiti-lo metodicamente” (BOURDIEU, 1998^a, p. 57).

Segundo Bourdieu, o capital cultural representa o elemento da bagagem familiar que tem o maior impacto na determinação do destino escolar. Trata-se de um recurso do poder que equivale e se

⁵ Em 2002 o complexo escolar de São Cristóvão contava com 3.961 alunos distribuídos entre as três Unidades Escolares que atendem do 1º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.

destaca de outros recursos; associa-se o termo “capital” ao termo cultura numa analogia ao poder e a utilidade que se dá à posse de determinadas informações. Assim, os membros da classe dominante adquirem previamente essas informações, habilidades, referências culturais e um modo de relação com o saber e a cultura, apropriados para a recepção da mensagem escolar. Isso se dá porque, por deter o poder econômico, a classe dominante define como natural e apropriado um determinado tipo de capital cultural. As restrições econômicas fazem com que os alunos oriundos das classes menos favorecidas não tenham acesso a esse capital cultural. Capital que age, portanto, como um filtro bastante eficaz nos processos reprodutivos de uma sociedade hierárquica.

Assim, uma das grandes contribuições de Pierre Bourdieu foi ter fundamentado a ruptura com a ideologia do dom e com a noção moralmente carregada de mérito pessoal. A partir de sua obra, torna-se praticamente impossível a análise da desigualdade escolar como consequência das diferenças naturais entre os alunos. Os alunos são atores socialmente constituídos que possuem uma bagagem social e cultural diferenciada, que será mais ou menos proveitosa no mercado escolar. O desempenho dos alunos, portanto, nos seus percursos escolares, não pode ser explicado por suas aptidões ou dons naturais, mas por sua origem social, que os coloca em condições favoráveis ou não perante as exigências escolares (NOGUEIRA, 2002).

Objetivando, então, analisar a relação entre a progressão nas séries e as características socioeconômicas e culturais dos estudantes, encaminhei questionários para os responsáveis dos alunos das classes iniciais e para os estudantes do 3º ano do ensino médio. O intento era identificar se havia diferença entre o perfil dos alunos que estavam iniciando seu percurso escolar e que haviam ingressado no colégio por sorteio e o perfil dos que estavam terminando o ensino médio, podendo ter ingressado por sorteio, concurso ou outra forma não-padrão.

Para a construção dos questionários, focalizei as condições socioeconômicas das famílias e indicadores do seu capital cultural. As condições socioeconômicas dos alunos foram medidas pela renda familiar, educação e ocupação dos pais e estrutura da família.

As perguntas com intuito de obter uma aproximação do seu capital cultural incluíram diversos aspectos. Primeiro, foram abordados os valores, atitudes e hábitos familiares em relação à educação, através de questões sobre expectativa educacional e acompanhamento escolar: rotina favorável aos estudos, encorajamento dos pais, motivação e esforço despendido nas tarefas escolares, organização, participação nas aulas e frequência a cursos de língua estrangeira e computação.

Em seguida, foram analisados os hábitos culturais, padrão de consumo e estilo de vida, focalizando os seguintes aspectos: gosto e hábito relacionado à leitura, atividades em casa,

participação em atividades culturais e esportivas, relacionamentos sociais e auto-avaliação como pessoa culta.

O questionário para as classes iniciais tinha 50 questões e o questionário para o 3º ano tinha 93. Ambos os instrumentos possuíam 42 questões iguais. As oito perguntas diferenciadas para a classe inicial versavam sobre o acompanhamento das atividades escolares pelos pais, seu investimento nos hábitos de leitura e no lazer dos filhos. Devido à pouca idade dos alunos, considerei importante detectar: o acompanhamento que os pais faziam das atividades escolares dos filhos, o costume de ler histórias para os mesmos, as horas de TV assistidas por dia e as viagens em família.

A idade dos alunos do 3º ano, seu maior envolvimento com a escola, seu acúmulo de experiência acadêmica, a iminência de término de um ciclo escolar e a proximidade com a fase adulta propiciaram que mais perguntas fossem feitas para conseguirmos uma caracterização mais precisa.

Os 58 questionários devolvidos pelos responsáveis pelas crianças das classes iniciais representaram 35% das famílias dos alunos dessa série⁶ e os 103 respondidos por alunos do 3º ano⁷ representaram 18,16% desse universo.

Silva (1993) argumenta que Bourdieu usa o conceito de capital cultural com enorme ambiguidade e abrangência, servindo para designar todas as formas em que a cultura reflete ou atua sobre as condições de vida das pessoas. Pondera, ainda, que as tentativas para identificar alguns aspectos básicos do conceito recaem em noções tão entrelaçadas que esse esforço torna-se ambíguo e artificial. Dessa forma, os aspectos culturais considerados nos questionários elaborados refletem minhas prioridades.

3. Perfis socioeconômicos culturais

⁶ A direção da Unidade Escolar São Cristóvão I permitiu que eu entrasse nas reuniões que os professores regentes realizaram com os responsáveis ao final do 2º trimestre de 2002. Para cada grupo de pais, foram esclarecidos os objetivos da pesquisa, todos foram convidados a colaborar e receberam os questionários.

⁷ Quanto ao 3º ano de ensino médio, os questionários foram respondidos pelos próprios alunos porque não havia possibilidade prática de contato com os responsáveis. Solicitei a uma professora que trabalhava com o 3º ano nos turnos da manhã e da tarde, que me cedesse um tempo das suas aulas para que eu pudesse conversar com os alunos e, conseqüentemente, ter os questionários respondidos. Todos os alunos das cinco turmas que adentrei participaram da pesquisa, num total de 103. As turmas foram escolhidas aleatoriamente e eram três do 1º turno e duas do 2º turno.

3.1 Caracterização socioeconômica das famílias

Renda familiar (Tabela 1)

Em julho de 2002 o salário mínimo nacional era de R\$ 200,00 e a esse valor foram referidos os itens sobre renda. A porcentagem das famílias de alunos das classes iniciais que percebiam até dois salários mínimos é de 15,51% e do 3º ano apenas 4,85%. Paralelamente, uma quantidade três vezes maior de famílias do 3º ano recebia acima de 4.000 reais.

Escolaridade dos responsáveis (Tabela 2)

Foram considerados os responsáveis com escolarização completa, nos níveis de ensino indicados na questão. Observando-se a distribuição dos responsáveis em função da escolaridade, constatase que 41,78% dos pais de alunos do 3º ano possuíam graduação ou pós-graduação, contra 27,02% dos pais de alunos das classes iniciais.

Situação de trabalho dos responsáveis (Tabela 3)

A pergunta sobre a situação atual dos responsáveis no mercado de trabalho incluía vários itens como opção de resposta. Elegi enfocar os seguintes itens: desempregado, empregado regularmente e trabalha por conta própria. Estes itens já dão uma ideia relativamente precisa das condições econômicas das famílias.

Havia menos responsáveis desempregados nas famílias de alunos de 3º ano, e o dobro de responsáveis de estudantes do 3º ano trabalhando por conta própria. Quanto às profissões dos responsáveis, considerando aquelas que podem ser exercidas com baixa escolaridade, como, boy, motorista, segurança, mecânico de automóvel, pedreiro, auxiliar de serviços externos etc., vemos que 25% dos pais das classes iniciais estavam empregados nessa situação, contra 16,5 % dos pais do 3º ano.

Quando nos reportamos às profissões que exigem nível universitário, encontramos 20,9% dos pais do 3º ano exercendo essas atividades como professores, farmacêuticos, engenheiros, médicos, arquitetos, biólogos, fonoaudiólogos, dentistas, economistas, enfermeiros, advogados, etc. Ou seja, esses pais tinham ocupações validadas por diplomas de nível superior, beneficiando-se material e simbolicamente da posse desses certificados escolares ao converterem seu capital cultural em capital econômico. Já nas famílias das classes iniciais, apenas 7,60% dos responsáveis empregavam-se nessa condição, englobando apenas três profissões: magistério, advocacia e psicologia. Para os alunos das classes iniciais, fica demonstrado, então, que menos

de $\frac{1}{10}$ dos pais exerciam profissões decorrentes de diplomas universitários e $\frac{1}{4}$ exerciam profissões que exigem baixa escolaridade.

Estrutura familiar

Ainda na caracterização socioeconômica das famílias dos grupos pesquisados, a estrutura familiar foi analisada pela situação do imóvel, pelo número de cômodos das casas e número de bens das famílias. Merece destaque o item sobre os cômodos das casas: as respostas sugerem que os alunos do 3º ano usufruíam de mais conforto porque suas casas possuíam mais quartos, salas, copas e escritórios (Tabela 4).

3.2 Aspectos culturais dos alunos

Expectativa educacional e importância atribuída à educação

Comparando a importância atribuída à educação por meio do item “estudo e trabalho”, vemos que apenas 11,65% dos pais do 3º ano achavam que os filhos deveriam trabalhar quando terminassem o ensino médio, índice bem menor que os 34,48% dos pais das classes iniciais que desejavam que os filhos trabalhassem após vencerem essa etapa de ensino.

Esse dado confirma predisposições diferentes entre as famílias dos grupos pesquisados no tocante à acumulação de capital cultural. As famílias do 3º ano, diversamente das famílias das classes iniciais, pretendiam conceder mais tempo para que os filhos se dedicassem somente aos estudos. É pelo tempo dedicado à aquisição de capital cultural que se estabelece sua ligação com o capital econômico. O tempo que o jovem pode dispor para seu intento de apropriação de capital cultural depende diretamente “do tempo livre que sua família pode lhe assegurar, ou seja, do tempo liberado da necessidade econômica que é a condição da acumulação inicial” (BOURDIEU, 1998b, p. 76).

Além do discorrido acima, 98,05% dos estudantes do 3º ano asseguraram que seus pais conversavam com eles sobre a continuidade de seus estudos e apenas 6,79% trabalhavam uma média de três horas por dia em serviços de informática, produção musical, guarda-portuário, auxiliar de escritório etc. Esse desejo de ascensão pela escola talvez se comprove também no índice de 41,74% dos responsáveis que pagariam uma faculdade particular para os filhos que estão terminando o ensino médio.

Dos alunos do 3º ano, 85,4% declararam que provavelmente iriam para a universidade e 20,3% fariam outros cursos, como técnico, militar, inglês etc. Um índice elevado nesse grupo de estudantes (81,5%) classificou seu desempenho escolar como médio e alto.

Os estudantes do ensino médio utilizavam a internet e livros como principais fontes de informação para fazer seus trabalhos de pesquisa.

Frequentar cursos de língua estrangeira e/ou outros cursos fora do colégio pode ser considerado como um investimento na área cultural. Nenhum aluno das classes iniciais estava matriculado em cursos de língua estrangeira e, quanto a outros cursos, uma criança fazia Kumon (curso de matemática). Devido à pouca idade dos alunos das classes iniciais, não era de se esperar um alto índice de respostas positivas, mas os filhos das famílias das classes mais favorecidas, que fazem a classe de alfabetização nos caros colégios da rede privada, já frequentam outros cursos; seus responsáveis sabem do alto valor que representa ter, por exemplo, o conhecimento de outra língua.

No grupo do 3º ano, 39,8% frequentava cursos de língua estrangeira (com predominância do inglês) e 27,18% faziam outros cursos, abrangendo um leque bem variado de opções.

Gostos e hábitos de leitura

A familiaridade com a leitura, construída na convivência familiar, de maneira inconsciente, sem esforço ou trabalho deliberado, pode possibilitar uma inserção segura no mundo da cultura escrita, no manejo e na compreensão da língua e constituir um capital cultural altamente rentável no mundo escolar. Bourdieu enfatiza que cada sujeito “herda de seu meio uma certa atitude em relação às palavras e ao seu uso que o prepara mais ou menos para os jogos escolares...” (BOURDIEU, 1998a, p. 56).

Antes de apresentar os dados sobre esse item, cabe esclarecer que nas séries iniciais do ensino fundamental do Colégio Pedro II, o objetivo das aulas de literatura e língua portuguesa é levar a criança a um contato prazeroso com a literatura, sem esquecer que a leitura é um meio de entretenimento. O hábito de ouvir e contar histórias, a frequência à biblioteca, a participação nos clubes do livro de suas turmas são atividades incentivadas com o objetivo primordial de despertar no aluno o gosto pela leitura.

Dentre os pais das classes iniciais, 24,13%, responderam que seus filhos vão à biblioteca do colégio quase diariamente, 44,82% lê sempre histórias para seus filhos e 43,10% os presentearam com algum livro nos últimos três meses.

No grupo do 3º ano, 35,92% dos alunos revelaram que gostam muito de ler, sendo que 32,03% dos estudantes esclareceram que vão às vezes à biblioteca da escola, apenas para folhear algum livro ou revista. Um índice de 43,68% respondeu que leu nos últimos seis meses algum livro que não fazia parte da leitura obrigatória escolar.

Foram elaboradas questões com o intuito de detectar uma mobilização familiar ou não para a aquisição de competências e disposições que caracterizem um leitor. Essas questões revelaram que as famílias do 3º ano possuíam muito mais livros em casa e que metade das famílias das classes iniciais possuía até 20 livros, somente. Havia crianças nessa série que não possuíam nenhum livro em suas casas (Tabela 5).

Das leituras especificadas nos questionários, as famílias dos alunos das classes iniciais possuíam apenas mais revistas em quadrinhos do que os alunos do ensino médio. Revistas esportivas, femininas, semanais e científicas existiam em maior quantidade nas casas do 3º ano (Tabela 6).

Quanto a entrar em livrarias quando se vai ao shopping, era uma prática que acontecia cinco vezes mais entre os alunos do 3º ano do que entre as famílias das classes iniciais (Tabela 7). Todavia, aquisição de livros infantis por parte dos pais das classes iniciais e o acompanhamento efetivo que faziam das tarefas escolares dos seus filhos são manifestações que podem indicar investimentos da família para favorecer ou aumentar os resultados da ação escolar. Mas não são ações voltadas particularmente para a formação de leitores (BATISTA, 1998).

Auto-imagem

Um índice de 67,96% dos alunos do 3º ano, quando se compararam culturalmente com os amigos, considerou que estavam na média e 26,21% ressaltaram que estavam acima da média. Constata-se a tendência do estudante do Colégio Pedro II em se auto-avaliar como pessoa culta, principalmente porque 43,68% concordaram inteiramente que, se dependessem só da própria capacidade, teriam condições de se formar na universidade (38,83% concordaram um pouco). Além do mais, 92,23% concordaram que tinham opinião positiva de si mesmos.

Comparando com os pais das classes iniciais, dos quais apenas 34,48% concordaram que eram pessoas cultas na opinião dos amigos, tivemos o dobro (68,93%) no grupo do 3º ano, respondendo que eram pessoas cultas na opinião dos amigos.

Quanto às classes sociais que os grupos consideraram pertencer, como já havia sido sugerido na análise das condições socioeconômicas, tivemos mais da metade dos responsáveis das classes iniciais (51,72%) declarando que fazia parte da classe trabalhadora ou pobre. Os alunos do ensino médio, confirmando as respostas dadas em questões anteriores sobre renda familiar,

situação de trabalho dos responsáveis, posse de bens domésticos etc., declararam (87,37%) fazer parte das classes média e média baixa.

Atividades culturais e relacionamentos sociais

As questões sobre este item foram elaboradas visando investigar o grau e modo de como alguns recursos são utilizados pelas famílias pesquisadas. O índice de famílias do 3º ano que tinham acesso à internet era mais do que o dobro que o índice das famílias dos alunos das classes iniciais (Tabela 8). E tanto o acesso em casa, quanto na escola, era maior no ensino médio.

A participação do alunado do 3º ano em atividades esportivas (37,86%) e extracurriculares (21,35%), aliada ao fato de 62,13% deles afirmarem que se sentiam enturmados no colégio e programarem diversas atividades de lazer com os amigos, talvez revele o processo de construção de relações que venha a possibilitar a colocação do seu capital cultural no mercado e seu conseqüente reconhecimento. Estou me referindo ao capital social desse grupo, isto é, a seu conjunto de recursos que está ligado a uma rede durável de relações que potencializam o capital cultural e podem ser acionadas para a obtenção de vantagens:

“O volume do capital social que um agente individual possui depende então da extensão da rede de relações que ele pode efetivamente mobilizar e do volume do capital (econômico, cultural ou simbólico) que é posse exclusiva de cada um daqueles a quem está ligado (...). Em outras palavras, a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis (...)” (BOURDIEU, 1998c, pp. 67 – 68).

Na interpelação sobre a quantidade de vezes que frequentaram atividades culturais nos últimos três meses, evidenciou-se que, também no que concerne à participação em atividades culturais, os alunos do 3º ano estavam em vantagem em relação às famílias das classes iniciais. O índice de ida ao cinema de três vezes era o dobro entre os estudantes do ensino médio e mais que o décuplo nos shows de música (Tabela 9).

Bourdieu (1998a) pondera que o êxito escolar dos estudantes está estreitamente ligado ao nível cultural global da família. Os alunos do 3º ano pertenciam a famílias socialmente mais favorecidas e que certamente dominavam mais os conhecimentos sobre cinema, música, teatro etc. No entanto, como a frequência a teatro, exposições e museus, mesmo entre os estudantes do ensino médio, é baixa, não podemos caracterizar a conduta dessas famílias como as das classes

médias que investem em uma série de ações, como frequência a eventos culturais, com intento de adquirir capital cultural (NOGUEIRA, 2002).

Para completar a caracterização dos grupos que responderam ao questionário, analisei sua forma de ingresso no Colégio Pedro II. Os alunos das classes iniciais conseguiram sua matrícula por sorteio de vagas. Dos 103 alunos do 3º ano que participaram da pesquisa, 100 responderam a questão sobre a série que ingressaram no colégio.

Nessa amostra de 100 alunos do 3º ano do ensino médio, constatamos que sete ingressaram no colégio por sorteio, porque matricularam-se na classe de alfabetização e 64 ingressaram provavelmente, por meio de concurso, porque matricularam-se na 5ª série ou na 1ª série do ensino médio. Temos, portanto, restando 36 alunos que tiveram acesso ao colégio de outras formas que não são as usuais (Tabela 10).

É importante registrar que apenas 18 alunos do ensino médio, isto é 18%, iniciaram sua vida escolar nas séries iniciais do ensino fundamental do Colégio e não faziam parte do grupo de alunos concursados. Precisamos destacar o fato de que oito dessas famílias tinham uma renda superior a R\$ 2.200,00, ou seja, quase a metade do grupo. Nove famílias estavam na faixa dos que percebem de R\$ 600 a R\$ 2.000 e apenas uma família recebia dois salários mínimos. Constatamos, assim, que os alunos das classes iniciais que conseguiram chegar ao 3º ano do ensino médio faziam parte das famílias que possuem renda mais alta.

4. Algumas considerações

A investigação sobre as famílias das classes iniciais e estudantes do 3º ano do ensino médio do complexo escolar de São Cristóvão pretendia detectar empiricamente a seletividade social no Colégio Pedro II, tendo por base os estudos de Bourdieu.

Sabemos que a *bagagem* que os indivíduos herdaram abrange componentes que podem ser úteis nos seus percursos escolares; segundo Nogueira (2002), essa *bagagem* inclui elementos objetivos, externos ao indivíduo, como o capital econômico (bens e serviços a que se tem acesso), o capital social (relacionamentos sociais influentes) e o capital cultural institucionalizado (títulos escolares) e inclui aspectos subjetivos como o capital cultural na sua forma incorporada (cultura geral, gostos, domínio da língua culta, informações sobre a escola etc.). Para Bourdieu, essa herança cultural é o vetor do rendimento da ação pedagógica escolar.

A análise das respostas confirma que a origem social atua sobre os resultados escolares no Colégio Pedro II, visto que as famílias dos alunos que conseguiram chegar ao 3º ano

apresentaram vantagens socioeconômicas e culturais em relação às famílias das crianças que estavam nas classes iniciais.

As vantagens socioeconômicas usufruídas pelos alunos do ensino médio comprovaram-se nas condições de vida de suas famílias, que em relação às famílias das classes iniciais apresentaram: maior renda (Tabela 1), maior escolaridade (Tabela 2), menos responsáveis desempregados (Tabela 3), mais responsáveis exercendo profissões que exigem formação de nível superior, mais cômodos nas moradias (Tabela 4) e maior posse de bens domésticos.

As perguntas dos questionários endereçadas especialmente ao ensino médio comprovaram que os alunos do 3º ano adquiriram um bom nível de autonomia educacional (facilidade de pesquisa na biblioteca, sentimento positivo em relação à redação, liberdade para executar as tarefas escolares e desenvoltura para discordar dos professores), se auto avaliavam como pessoas cultas e 92,23% tinham opinião positiva a respeito de si mesmos.

Quanto aos hábitos culturais, padrões de consumo e estilo de vida, também foram indicadas desigualdades entre os grupos pesquisados. Os alunos do 3º ano, apesar da proximidade com o momento de entrada no mercado de trabalho, teriam mais chances (segundo o desejo de seus pais) de apenas estudarem enquanto cursassem a faculdade. Possuíam também maior quantidade de livros e revistas em casa (Tabela 5), visitavam mais livrarias (Tabela 7), tinham mais acesso à internet (Tabela 8) e maior participação em atividades culturais (Tabela 9).

Portanto, as práticas e recursos acessíveis no interior das famílias do 3º ano em relação à cultura eram mais abundantes e facultavam uma vivência mais desenvolvida e natural com a leitura. Podemos afirmar que as famílias das classes iniciais eram menos dotadas de capital cultural, notadamente das predisposições e crenças que constituem um leitor.

E apesar das dificuldades comparativas, tendo em vista as diferenças etárias dos grupos pesquisados, os dados sobre atividades extracurriculares, esportivas e frequência a cursos de língua estrangeira demonstram que havia uma ocorrência relativamente maior entre os alunos do 3º ano.

Podemos, então, argumentar que se dá uma seleção social no interior do Colégio Pedro II, porque os alunos que estavam no 3º ano do ensino médio e que cumpriram todo o percurso escolar oferecido pelo colégio provinham de segmentos sociais mais favorecidos, do ponto de vista econômico e cultural, do que os alunos das classes iniciais.

Certamente que o colégio já exerceu sua função de conservação social de maneira muito mais contundente, possivelmente no século XIX e na primeira metade do século XX. Não encontrei registros oficiais de casos de jubilação que tenham ocorrido nos primeiros cem anos do colégio,

mas encontrei várias evidências de que eles de fato aconteceram. A ausência de registros de fracassos e a ênfase no êxito frequente não podem mais nos fazer olvidar que muitas crianças e jovens não conseguiram ter sucesso no percurso escolar oferecido pelo Colégio Pedro II.

As comprovações dessa etapa do trabalho sugerem mais alguns estudos, como por exemplo, uma análise dos aspectos curriculares que dão base à seletividade, ou seja, um estudo detalhado das exigências escolares que acabam por excluir com maior incidência justamente aqueles alunos que conseguiram seu ingresso pelo sorteio de vagas.

Nos tempos atuais, em que se discutem no país as políticas afirmativas de inclusão educacional, pareceu-me importante explicitar os mecanismos internos de uma instituição que, a despeito dos critérios democráticos de ingresso, acaba por reconduzir à exclusão escolar. A conquista democrática do sorteio para as classes iniciais é uma conquista ainda limitada. Outras políticas deverão ser associadas a ela para que se realize um processo mais profundo de democratização. A presença do concurso (exame seletivo) para o 6º ano e para o ensino médio traz efeitos paradoxais. De um lado, mantém a escola sintonizada com aquilo que predomina na sociedade como sendo padrão de escola de qualidade. De outro, ratifica uma concepção de qualidade preestabelecida, e dificulta políticas mais radicais de discussão dos meios para se alcançar a qualidade, bem como da própria noção de qualidade em educação.

Referências bibliográfica

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A leitura incerta: a relação de professores (as) de Português com a leitura. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, número 27, julho, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.) *Pierre Bourdieu – Escritos da Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998a.

_____. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.) *Pierre Bourdieu – Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998b

_____. Pierre. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Maria Alice & CATANI, Afrânio (orgs.) *Pierre Bourdieu – Escritos de Educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998c.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; **NOGUEIRA**, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contradições. *Educação & Sociedade*, ano XVII, número 78, abril de 2002.

SILVA, Gilda Olinto do Valle. *Reprodução de classe e produção de gênero através da cultura*. Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ, 1993. Tese (Doutorado em Educação).

Anexos

Tabela 1. Renda das famílias.

GRUPOS	RENDA					Não res pon deram
	1 salário mínimo	2 salários mínimos	3 a 10 salários mínimos	11 a 20 salários mínimos	Acima de 20 salários mínimos	
CI	10,34%	5,17 %	55,17 %	22,41 %	3,44 %	3,44 %
3º ANO	1,9 %	2,9 %	60,19 %	24,27 %	9,70 %	0,97 %

Tabelas 2. Nível de instrução dos responsáveis.

GRUPOS	Ensino fundamental		Ensino médio	Ensino superior		Escolarida. incompl.
				Graduação	Pós-graduação	
CI	2,70 %	2,70 %	43,24 %	23,42 %	3,60 %	24,32 %
3º ANO	1,40 %	5,63 %	32,39 %	29,10 %	12,67 %	18,77 %

Obs.: As bases de cálculos das percentagens das classes iniciais e do 3º ano foram de 111 e 213 responsáveis, respectivamente, porque além de declarar a escolaridade dos pais, podia-se declarar a escolaridade de outros responsáveis.

Tabela 3. Situação de trabalho dos responsáveis.

GRUPOS	Desempregado	Empregado regularmente	Trabalha por conta própria	Outras opções
CI	9,43 %	49,05 %	10,37 %	31,13%
3º ANO	2,67 %	40,62 %	21,87 %	34,82%

Tabela 4. Número de cômodos das casas.

GRUPOS	Cômodos			
	3 ou mais quartos	2 ou mais salas	copa	1 ou mais escritórios
CI	32,75 %	3,44 %	24,13 %	1,71 %
3º ANO	51,45 %	15,53 %	32,03 %	14,56 %

Tabela 5. Livros (*) que há nas casas dos alunos.

GRUPOS	Nenhum	Até 20	De 21 a 50	De 51 a 100	Mais de 100	Não sabem
CI	5,17%	50%	18,96%	12,06%	10,34%	3,44%
3º ANO	0	17,47%	25,24%	17,47%	26,21%	13,59%

* Além dos livros didáticos.

Tabela 6. Outras fontes de leitura.

GRUPOS	Histórias em quadrinhos	Revistas esportivas	Revistas femininas	Revistas semanais	Revistas científicas	Outras
--------	-------------------------	---------------------	--------------------	-------------------	----------------------	--------

CI	65,51%	22,41%	22,41%	41,37%	13,70%	36,20%
3º ANO	43,68%	43,68%	40,77%	54,36%	31,06%	14,56%

Tabela 7. Visitas às livrarias de shoppings.

GRUPOS	Não	Às vezes	Nunca	Sempre	Não responderam
CI	29,31%	58,62%	1,72%	5,17%	5,17%
3º ANO	22,33%	49,51%	0,97%	27,18%	-

Tabela 8. Acesso à internet.

GRUPOS	Não sei	Não	Sim	Em casa	Na Escola	Outros
CI	0	44,82%	36,20%	24,13%	5,17%	12,06%
3º ANO	0	12,62%	78,64%	53,39%	25,24%	12,62%

Obs.: O somatório das percentagens dos grupos passa de 100% porque alguns responsáveis das classes iniciais e alunos do 3º ano marcaram mais de um item nesta questão.

Tabela 9. Atividades culturais nos últimos três meses.

ATIVIDADES	GRUPOS	01 VEZ	02 VEZES	03 OU MAIS
Cinema	CI	24,13%	18,96%	22,41%
	3º ANO	14,56%	18,44%	56,30%
Shows de música	CI	15,51%	3,44%	1,72%
	3º ANO	23,30%	15,53%	19,41%

Teatro	CI	10,34%	3,44%	3,44%
	3º ANO	26,21%	6,79%	0,97%
Exposições	CI	13,70%	3,44%	1,72%
	3º ANO	22,33%	8,73%	4,85%
Museus	CI	6,80%	1,72%	3,44%
	3º ANO	25,24%	5,80%	3,88%

Tabela 10. Série de ingresso dos alunos do 3º ano de 2002.

Ensino fundamental									Ensino médio		Total
CA	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª	7ª	8ª	1º	2º	
7	5	2	4	0	55	7	5	3	9	3	100